

SECÇÃO DE LIVROS

Em busca de um passado

CONDENSADO DO LIVRO DE JERRY HULSE

Em busca de um passado

Jody tinha sido adotada em criança. Nunca conhecera seus verdadeiros pais. Na meia-idade, porém, enfrentou um período crítico de saúde, que tornou imperativo descobrir sua ascendência. A subsequente busca do passado modificou não somente sua vida, mas muitas outras – como num conto de fadas belo e miraculoso ou num sonho feito realidade

Condensado do livro de
JERRY HULSE



O TRÁFEGO fluía tranqüilamente quando o Ford amarelo entrou na auto-estrada de Hollywood. Atenta ao espelho retrovisor, Jody dirigiu-se à segunda faixa de tráfego, e acelerou até o velocímetro marcar 80km/h. Tranqüila, procurou o botão do rádio, mas, ao tocá-lo, seus ouvidos subitamente principiaram a zunir.

Os dedos ficaram insensíveis e os carros à frente começaram a desaparecer numa confusão de cores.

Jody tombou sobre o assento. Perdendo a direção, o carro foi de encontro à mureta divisória da estrada, rodopiou sobre si mesmo, bateu nela outra vez e parou finalmente entre a terceira e a quarta faixas de rodagem.

Só quando um policial abriu a porta e levantou a cabeça de Jody é que esta voltou a si. Não se machucara.

Dois dias depois, aconteceu-lhe a mesma coisa, em casa. Levantei os olhos do jornal e vi minha esposa, Jody, cambaleando pela sala como se tivesse bebido. Agarrei-a, e ela me disse que estava bem, que tinha sido só uma tontura. No dia seguinte, ouvi-a gemendo no quintal. Estava regando a grama, quando suas pernas falharam; caiu, batendo com a cabeça no regador. O ferimento sangrava e ela torcera o tornozelo.

O médico que a atendeu insistiu que ela deveria fazer um *check-up*. Em casa, porém, Jody achou que era exagero. «Isso não é nada», teimava ela. «Deve ser da menopausa.»

Começou depois a perder o controle da mão esquerda. Viviam constantemente quebrando pratos, deixando cair coisas. Levantava-se de manhã meio estonteada, e ia muitas vezes assim até a noite. Finalmente, ficou sem enxergar por um curto período. O oftalmologista que consultamos disse que os sintomas indicavam obstrução de uma das artérias.

Decidi, então, chamar nosso médico de família, o Dr. Webster Marxer. Nos cinco dias que se seguiram, Jody submeteu-se a uma série

de testes no Hospital St. John, em Los Angeles. Quando acabaram, o Dr. Marxer nos deu o diagnóstico. Explicou-nos que as carótidas levavam o sangue do coração ao cérebro, e que uma obstrução nelas pode, a qualquer momento, provocar a morte ou um ataque que leve à invalidez. No caso de Jody, havia um bloqueio perto da base do cérebro. Só a cirurgia podia salvá-la.

Foi nesse momento que se levantou a questão da hereditariedade. Teriam o pai ou a mãe de Jody sofrido algum ataque desse tipo? Eram ainda vivos? Se não, com que idade tinham morrido? Havia diabéticos na família?

Jody olhou para o Dr. Marxer com um ar atordoado. «Não sei... Não tenho a menor idéia de quem sou», disse. «Fui adotada.» De olhos fechados, acrescentou: «Por favor, não quero ser operada.»

Lá fora, no *hall*, conversei em particular com o Dr. Marxer. «Quanto tempo ela viverá, se não se operar?»

«Um ano, no máximo», respondeu. «Ela *tem* de se operar, Jerry. Lamento muito.» Encarou-me fixamente. «Você acha que poderá encontrar a família dela? É tremendamente importante saber se se trata de doença hereditária e, se assim for, qual o ritmo em que a coisa costuma progredir na família.» Acrescentou que esse dado se tornava indispensável, para que se soubesse até onde ir na operação e como determinar o tratamento pós-operatório a ser observado. Poderia ser uma questão vital.

JERRY HULSE, redator itinerante do *Times* de Los Angeles, ganhou numerosos prêmios de jornalismo. Sua coluna «On the Go» aparece em mais de 500 jornais.

Havia outro fator: a vontade que Jody teria de viver. Mesmo que o conhecimento de seu passado não viesse a alterar a situação sob o ponto de vista médico, poderia ajudá-la enormemente no aspecto moral. «É uma operação delicada», concluiu o Dr. Marxer. «Jody tem que lutar muito para viver. Vamos fazer tudo que for possível a fim de lhe dar forças para resistir.»

Quando saí do hospital, fiquei muito tempo olhando para a janela do quarto em que estava Jody, até que as luzes se apagaram. A operação seria dentro de nove dias. Eu tinha sido jornalista durante quase 25 anos e acompanhara centenas de histórias, mas esta era a que realmente contava para mim.

Um nome do passado

NA MANHÃ seguinte, automaticamente, estendi a mão para desligar o despertador. Era quinta-feira. Restavam-me oito dias para desvendar um mistério que abrangia uma vida inteira, e tinha apenas uma pista: o nome do lugar onde Jody nascera — Fort Wayne. Era tudo o que lhe tinham dito seus pais adotivos; nem mais um detalhe. Pior ainda, ambos já haviam morrido.

Telefonei para o departamento de saúde da cidade de Fort Wayne e disse ao funcionário que atendeu que precisava obter informações sobre os papéis relativos ao processo de adoção e sobre a certidão de nascimento de minha mulher.

«Os registros de adoção são estritamente confidenciais», respondeu uma voz. Vim a saber que isso é verdade na maioria dos estados norte-americanos. Quando um filho adotivo deseja conhecer sua origem, dizem-lhe que o arquivo foi selado, para proteger as pessoas envolvidas no caso. O passado é apagado quase como se o nascimento nunca tivesse ocorrido.

«Mas isto é uma emergência!» insisti, explicando a doença de Jody.

A voz foi implacável: «O fichário não pode ser aberto sem ordem do tribunal.»

Procurei então falar com o juiz encarregado de adoções, e fui informado de que ele, no momento, não podia atender, mas que me chamaria assim que terminasse a audiência. Quando finalmente me telefonou, verifiquei que se tratava do juiz Frank Celarek. Repeti minha história sobre Jody e lhe dei o nome de seus pais adotivos; talvez houvesse inter-relação entre o fichário dos pais adotivos e o dos pais naturais. O juiz não se mostrou muito otimista; nomes podem não bastar. Afinal de contas, minha esposa tinha 47 anos, o que significava um retrocesso de quase meio século. Naquela época, nascimentos e até mortes, muitas vezes, nem eram registrados. Prometeu, no entanto, que daria início imediato a uma pesquisa nos arquivos, e sugeriu que eu o procurasse novamente no dia seguinte.

Na sexta-feira, bem cedo, telefonei-lhe outra vez. Não tinha encon-

trado nada, mas continuaria tentando. Nesse meio-tempo, fiz uma reserva de voo para Fort Wayne, domingo de manhã.

No fim da tarde, fui visitar Jody no hospital. Contei-lhe o que estava fazendo e ela sorriu.

«Não seria maravilhoso se você pudesse realmente encontrar minha mãe?»

«Vou fazer o possível.»

Os olhos de Jody se encheram de lágrimas: «Jerry, não quero morrer sem saber...»

O juiz Celarek telefonou-me na manhã seguinte. «Descobrimos o sobrenome de sua mulher – é Carnahan.»

Não pude deixar de rir. «Ela é irlandesa!» Disse ao juiz que pretendia ir a Fort Wayne no domingo, e combinamos um encontro no tribunal, para a manhã de segunda-feira.

Mais tarde, telefonei a Jody dando-lhe a notícia.

«Carnahan!...» Ouvi que ela soluçava e que, passado um momento, repetia o nome muitas e muitas vezes: «Carnahan, Carnahan... que nome tão lindo!»

A VÁRIAS centenas de quilômetros, o homem que todos chamavam de Carny chorou enquanto dormia. A mulher, a seu lado, tocou-o para que acordasse, e ele sentou-se na cama, de rosto banhado em lágrimas.

«O mesmo sonho?» perguntou ela, acendendo a luz.

Ele fez que sim com a cabeça. «Apenas, desta vez, a figura de Beulah

era tão real... como se ela estivesse aqui mesmo no quarto.»

Levantou-se da cama e foi à cozinha preparar um café. Eram três da madrugada e a lua brilhava através da janela do trailer. Carny era de estatura baixa, maçãs do rosto salientes, olhos castanhos e cabelo preto começando a ficar grisalho.

O sonho era sempre o mesmo: tinha uma irmã muito bonita e, no sonho,



Jody e Jerry Hulse em foto recente

via-a parada no alto de uma escada em caracol, usando um longo vestido esvoaçante; todas as vezes ela pedia: «Ajude-me!» – e ele tentava desesperadamente subir a escada para alcançá-la, mas os degraus iam aumentando e distanciando-se um do outro, até que, exausto, caía junto ao corrimão e, ao olhar para cima, ela havia desaparecido.

Começara a ter esse sonho aos oito anos, desde que sua tia Betty lhe dissera que ele tinha uma irmã, prevenindo-o de que jamais deveria falar a ninguém

sobre o assunto, que isso ficaria em segredo entre eles e que, sobretudo, não dissesse nada a pessoas da família. Ele lhe perguntara onde estava a irmã, e tia Betty abanara a cabeça respondendo: «Não sei.» A partir de então, por onde andasse, sempre olhava os rostos das pessoas, esperando encontrar a irmã.

Fim da infância

JODY tinha 16 anos quando soube que era adotiva. Numa manhã de verão, lembra-se ainda, ela e Ellen Short, uma amiga, iam à praia.

No carro, Jody virou-se cheia de entusiasmo para Ellen: «Vou te contar! Allan e eu vamos ficar noivos!» Allan Short era irmão de Ellen, e há três meses ele e Jody namoravam.

Ellen parou o carro. «Quando é que vocês decidiram isso?»

«Uns dias atrás.»

«Você não acha que seria melhor esperar um pouco?» perguntou Ellen.

«Por quê?» indagou Jody, ainda sorrindo.

Ellen olhou em frente e respondeu: «Eu acho que isso não vai dar certo.»

«Mas por quê? Até escolhemos as alianças...»

Jody sentiu que corava. Que levaria Ellen a reagir assim? Outras amigas tinham ficado noivas; havia certamente casais que rompiam – e daí? Com Allan seria diferente.

Ouviu que Ellen lhe dizia outra vez: «É melhor esquecer, Jody.»

«Não estou entendendo.»

«Não daria certo... é isso.»

Jody suplicou: «Por favor, diga-me por quê!»

«Não posso.»

Jody insistiu: «Por favor!»

Ellen, enfim, sacudiu os ombros. «Porque você é adotiva.»

Jody se agarrou ao banco do carro, o coração aos pulos. «Quem é que disse a você uma coisa dessas?»

Ellen olhava fixamente para fora da janela. «Ouvi uma conversa entre nossos pais, já há muito tempo.»

«Não é verdade», gritou Jody. «Não acredito no que você diz!»

Todo o seu corpo tremia, os olhos cheios de lágrimas. Só muito depois é que Jody se lembrou de ter ouvido algo mais, algo que Ellen disse já meio exaltada.

«É sim, ouvi tudo o que eles disseram», acrescentava Ellen. «Você não foi simplesmente adotada, mas seus verdadeiros pais nem sequer eram casados. Portanto, você é ilegítima.»

Jody não se lembra como saiu do carro; só sabe que, de repente, estava fugindo. Por fim, chegou a um parque, onde tropeçou e caiu. Aí ficou estendida na grama, com o rosto voltado para o chão, durante muito tempo.

Nunca falou nisso aos pais; ambos morreram sem jamais suspeitarem que ela descobrira a verdade.

A partir de então, por onde quer que andasse, estudava os rostos procurando, rezando para um dia encontrar algum que se parecesse com o seu. Muitas vezes, em sonho,

via-se percorrendo cidades desconhecidas, tentando achar semelhanças entre as fisionomias dos passantes e a sua própria, à espera de alguém que também tivesse feições delicadas, cabelo escuro, olhos castanhos e lábios acentuados, mas quase sempre, nesses sonhos, estava sozinha, chamando por uma mãe que nunca respondia.

Tempos depois, quando nos casamos, ouvi-a soluçar de noite, a meu lado, e sabia o que era: o velho pesadelo — todos tinham fugido, deixando-a novamente só.

Assim que seus pais adotivos morreram, ela foi procurar uma mulher que sua mãe conhecera em Indiana, e essa mulher confirmou o que Ellen Short lhe dissera anos antes. Sim, ela tinha sido adotada. Sua verdadeira mãe era uma jovem, não mais que uma adolescente que viera de uma pequena cidade perto de Fort Wayne. A mulher nada mais pôde adiantar, a não ser que seus pais adotivos a recolheram ainda recém-nascida e que, na casa-materna onde Jody nascera, tinha ocorrido um incêndio que destruíra todos os papéis de registro. Não valia a pena investigar mais. Seria loucura. Além disso, a verdadeira mãe de Jody provavelmente estava morta. Tudo aquilo acontecera há tanto tempo!

CARNY serviu-se de mais uma xícara de café. Já não adiantava voltar para a cama; o sonho lhe havia despertado outras lembranças. Durante sua infância, nunca compreendera por que tinha de

viver com os avós e não com a mãe, como as outras crianças. Carny adorava a mãe e achava que ela também o amava; no entanto, não o deixavam vê-la muitas vezes, e ele não sabia a razão. Somente aos sábados o levavam a sua casa, para brincar um pouco com seus meios-irmãos. Depois, ia embora com os avós.

Numa dessas visitas, Carny se meteu em tremenda encrenca: contou a seus meios-irmãos o segredo que lhe confiara tia Betty. Ao saberem disso, os avós ficaram muito zangados e acabaram-se as visitas. A mãe queria que ele continuasse a visitá-la, mas os velhos disseram que não e, logo em seguida, mudaram-se de Auburn, Indiana, onde viviam, para uma cidade chamada Elwood. A distância era de uns 150km, mas para Carny parecia muito maior.

Passou a ver a mãe talvez uma vez por ano; por isso, tentou imaginar que só havia um sábado por ano. Quando se é criança, a gente consegue fazer mágicas assim. Carny, porém, já tinha 12 anos e, com a mãe tão longe e sem poder vê-la, não havia mágica que funcionasse: a gente então deixa de ser criança, qualquer que seja a idade que se tenha.

Um velho enigma

CHEGUEI ao tribunal de Fort Wayne às oito da manhã de segunda-feira. Daí a quatro dias, nesse mesmo instante, Jody estaria na mesa de operação; dispúnhamos ambos de muito pouco tempo.

Lá dentro, o velho edifício tinha ar de igreja antiga, com o saguão cheio de um silêncio de catedral. A

luz do sol filtrava-se pelo vitral de uma janela na abóbada, tão alta que era preciso a gente inclinar-se para trás para vê-la. Meus passos ecoavam na velha escadaria de mármore e por todo o corredor do andar de cima. Ao atingir o último lance, parei. Talvez ali, naquela espécie de sepulcro, se escondesse o passado de minha mulher – papéis amarelados, guardados num velho arquivo ou selados num cofre.

Abri a porta que dava para o gabinete do juiz Celarek. Ele estava sentado à sua escrivaninha coberta de documentos e pastas; era um homem de 50 e poucos anos, alto e simpático, cabelos grisalhos e um ar bonachão que se evidenciava quase de imediato. Estava em mangas de camisa e tinha um olho tapado por uma venda. Apertamo-nos as mãos.

«Café?» perguntou-me. Aceitei, e, sem hesitar, ele vestiu o paletó e saímos.

Atravessamos a rua Calhoun, passamos por um armarinho e por uma loja de ferragens e, durante todo o trajeto, as pessoas iam-se cumprimentando: «Bom dia!» Fort Wayne é um lugar onde ainda há disso. Na rua Berry, entramos num café com um letreiro espalhafatoso e mesas de fórmica. No teto, havia um ventilador em movimento e, dentro da vitrina dos doces, pertinho da caixa registradora, uma mosca zumbia.

A situação continuava praticamente na mesma. Tudo que sabíamos era o nome de família de Jody

e, na noite anterior, eu contactara todos os Carnahans que constavam no catálogo telefônico de Fort Wayne. Eram sete, e sete foram as respostas negativas que recebi.

Segundo me disse Frank Celarek, o pessoal do Departamento de Saúde continuava tentando descobrir o primeiro nome da mãe de Jody e sua cidade natal. O que mais atrapalhava era a certidão de nascimento: tinha sido escrita a mão pelo médico-parteiro e era ilegível. Para piorar a coisa, o documento estava muito esmaecido.

Por incrível que parecesse, acontecia o mesmo com os papéis de adoção; os dados neles contidos, apagados pelo tempo, também eram ilegíveis.

Apesar de tudo, de seus esforços resultara uma pequena informação: descobrira que o advogado que escrevera os papéis de adoção já falecera. Conheciam-se igualmente os nomes do médico que tinha trazido Jody ao mundo, Dr. A. E. Edwards, e da mulher que dirigia a casa-maternal onde ela nascera, Annie MacDougall. Anotei os dois nomes.

Cabia-me agora iniciar as investigações por conta própria. Ocorreu-me procurar notícias de nascimentos nos jornais locais. Há dois em Fort Wayne: o *Journal Gazette* e o *News-Sentinel*. Ambos funcionavam no mesmo prédio. Lá chegando, pedi para ver as notícias de nascimentos do ano de 1925. O arquivista veio com uma enorme pasta, que atirou displicentemente sobre o

balcão, e eu comecei a folhear dezenas de páginas descoloridas. Havia Collins e Cunninghams e Curtis e um montão de outros, mas nada de Carnahans.

Em seguida, fui à biblioteca da cidade, mas ali os registros de nascimento iam até 1920. Gerry Pilotte, uma das bibliotecárias, se ofereceu para telefonar ao Departamento de Saúde, onde se guardavam registros mais recentes. Expliquei-lhe que o juiz Celarek já se encarregara disso e, então, dei-lhe os nomes do médico e da diretora da casa-maternal. Ela disse-me que levaria algum tempo para verificar, ao que respondi que aguardaria na seção de microfilmes.

Durante a meia hora seguinte, sentei-me como que hipnotizado, olhando microfilmes através de um projetor, lendo, página por página, os relatos de notícias do mundo em 13 de maio de 1925, dia em que minha mulher nasceu: boletim meteorológico, bolsa de valores e até o horóscopo. Revia o filme quando a Srta. Pilotte desceu apressada as escadas, trazendo a cópia fotostática de uma notícia de primeira página do *News-Sentinel* de 2 de janeiro de 1932. Referia-se ao médico que eu estava procurando: «Dr. A. E. Edwards, de 58 anos, médico-cirurgião durante 30 anos, suicidou-se hoje, ingerindo ácido fênico, no seu gabinete. Não deixou nenhuma carta.»

«É assim que tudo vem acontecendo», comentei. «Soube alguma coisa sobre a Sra. MacDougall?»

Nada. Tinha procurado em diversos guias, mas não encontrara menção da casa-maternal.

De volta ao hotel, passei pelo Departamento de Previdência Social: podia ser que a mãe de Jody tivesse requerido ajuda financeira. Palpite apenas, mas tinha de arriscar. A recepcionista levou-me a uma jovem bastante atraente, que ouviu com simpatia a minha história, encaminhando-me em seguida a seu escritório.

«Espere aqui», disse-me. «Vou ver se consigo achar algo no porão; temos pilhas de velhos arquivos lá.»

Enquanto ela sumia por uma porta traseira, tive a sensação de estar fazendo uma sinistra caçada ao passado de Jody, pedaços e fragmentos perdidos nos porões de toda a cidade – um velho quebra-cabeça com as peças principais faltando. Eu estivera vasculhando a esmo, um dia inteiro de buscas; tinha-me encontrado com o juiz Celarek, pesquisado jornais, ido à biblioteca. Não localizara a notícia do nascimento, e o médico que esperava ver estava morto – tinha-se suicidado. Não conseguira nada. Agora, a jovem voltava e sua expressão me dizia que também ali não tivera melhor sorte.

Do hotel, telefonei para o Hospital St. John. Jody atendeu, com a voz nitidamente mais fraca. «Onde é que você está?» perguntou.

«Continuo em Fort Wayne.»

«Ainda não encontrou nada?»

Tinha que mentir. «Consegui algumas pistas, querida. O juiz acre-

dita que o pessoal do Departamento de Saúde possa encontrar qualquer coisa em breve. Vamos achar sua família, prometo.»

Desliguei. Era quase noite... de segunda-feira. Eu tinha de regressar quinta-feira de manhã, para estar com Jody antes da operação. Isso queria dizer que me sobravam pouco mais de dois dias de trabalho.

Olhei pela janela para a tarde que escurecia, perguntando a mim mesmo: «Onde estará essa Sra. Carnahan?»

O lugar do nascimento

NA TERÇA-FEIRA, comecei a procurar indícios de Annie MacDougall. Havia dois MacDougalls na lista telefônica. Liguei para o primeiro; estava ocupado. Tentei o segundo e expliquei o que queria à mulher que atendeu. «Ela era diretora de uma maternidade, aqui», informei. «Isso foi há muitos anos.»

«Ora, deve se tratar de minha sogra», disse a voz.

Ansiosamente, pedi então para falar com ela.

«Deus do céu!» replicou a voz, «há anos que ela morreu.»

Contei-lhe que tinha ouvido dizer que a maternidade havia sido destruída num incêndio. «Nada disso. Na última vez que passei perto, ainda existia. Um homem mora lá agora. Quem sabe se ele não poderá ajudar?»

Deu-me o nome e o endereço, e peguei um táxi. Era uma imensa mansão vitoriana, de fachada cheia

de enfeites. Um homem idoso abriu-me a porta; expliquei-lhe o motivo de minha presença. Ele levou-me à sala e entregou-me um velho recorte de jornal que tinha a notícia do falecimento de Annie MacDougall. Quando terminei a leitura, trouxe-me uma fotografia antiga. «Esta era a Mãe Mac», anunciou solenemente. O retrato mostrava uma mulher, de óculos sem aros, com uma criança acõchegada em seu colo.

«Será que eu poderia ver o quarto onde nasceu minha mulher?» pedi.

Ele parecia satisfeito de que alguém estivesse interessado na velha maternidade. Levou-me ao segundo andar. A casa estava silenciosa. A meio caminho, num corredor, parou diante de uma porta e apontou: «A sala de parto era aqui.»

Fiquei à porta. Havia uma única lâmpada presa ao teto e um aquecedor elétrico encostado à parede. Fora isso, a sala estava vazia. O sol brilhava através da janela e pássaros cantavam, mas, mesmo assim, senti profunda melancolia, uma brusca solidão, parado naquele quarto em que Jody tinha nascido. E a mãe? Era noite ou dia quando ela sentiu as primeiras dores de parto? Que pensou ela ao ouvir sua filha chorar? Tinha sido aqui mesmo, neste lugar, que mãe e filha se haviam separado. Para sempre?

Discretamente, o velho esperava no corredor. «Alguma coisa mais que queria ver?»

«Sim, gostaria de consultar os arquivos, se fosse possível.»

Ele balançou a cabeça. «Não havia nenhum arquivo», disse ele. «Absolutamente nada.»

Agradei-lhe a gentileza e voltei para o táxi. Da porta, o velho me observava. «Boa sorte!» exclamou.

Pedi ao motorista que me deixasse na biblioteca. Desta vez queria ver os velhos catálogos de telefones. Procurei o nome de Carnahan, concentrando-me nos anos imediatamente anteriores e posteriores ao nascimento de Jody. Tomei nota de cinco nomes e endereços. Depois, estudei os registros de óbitos. Com a lista na mão, sentei-me junto ao motorista do táxi e pedi-lhe que me levasse a cada um dos lugares que tinha anotado. O primeiro era um edifício de apartamentos um pouco fora da cidade. Um aviso afixado dizia que o prédio estava condenado.

Tentamos outro endereço; depois outro e mais outro.

Procuramos até quase a meia-noite. Demos com terrenos baldios, edifícios de escritórios, casas abandonadas e dois Carnahans... mas nenhum deles sabia nada sobre o Carnahan que eu buscava.

Tiro no escuro

NA MANHÃ seguinte encontrei-me novamente com o juiz Celarek. No outro dia teria de ir-me embora. «Lamento muito», disse ele. «Chegamos perto.»

Distraidamente, comecei a folhear meu dossiê de Jody e, ao mesmo tempo, revia as notas e do-

cumentos que tinha reunido antes de sair de Los Angeles. De repente, percebi algo que não reparara antes: um número na certidão de nascimento – não no documento selado que o juiz declarara ilegível, mas em outro, que lhe fora anexado, e que mencionava apenas os pais adotivos.

«O senhor acha que isto tem algum significado?» perguntei, indicando o número.

O juiz Celarek olhou com atenção; depois, pegou no telefone. Não tenho a menor idéia de quem ele chamou; nunca lhe perguntei, e ele nunca me disse nada a respeito. Evidentemente, o número na certidão corrigida se referia a outro arquivo que continha informações adicionais sobre a adoção de Jody. Tudo que sei foi que, quando tornaram a telefonar, Frank Celarek apenas sorriu e entregou-me um papel. Tinha um nome: Edith Carnahan.

«Não há indicação de alguma cidade?» perguntei.

«Ela é de um lugarejo a uns 65km daqui», disse ele.

«Uma cidadezinha chamada Auburn.»

Desci rapidamente as escadas e corri os cinco quarteirões até o meu hotel. No quarto, pedi ligação para o serviço de informações de Auburn. Não havia na lista nenhuma Edith Carnahan. «Existe algum Carnahan em Auburn?» perguntei. Havia seis. Comecei a pedir chamadas para cada um deles, mas, dos quatro primeiros, nada obtive. Finalmente, na quinta chamada, uma

mulher disse-me que o nome que eu mencionara lhe parecia familiar.

«Eu não me chamo Carnahan», esclareceu, «mas sou casada com um. Se não me engano, ouvi meu marido mencionar uma parenta com o nome de Edith.» Naquele momento, ele estava trabalhando no campo, «mas, se telefonar ao meio-dia, poderá falar com ele».

Telefonei outra vez, precisamente ao meio-dia. O marido respondeu: «É verdade, conheci uma Edith Carnahan que viveu aqui em Auburn. Não sei se ainda é viva. Casou-se com um sujeito de nome Neukom.»

Meu Deus! Aquela tinha de ser a mulher que eu procurava. Tinha de ser a mãe de Jody! Minha mão tremia tanto que mal podia escrever. Rabisquei o endereço e o número do telefone. Resolvi não telefonar, pois não se podia prever qual viria a ser a reação dela. Em vez disso, aluguei um carro.

QUANDO a tia Betty lhe disse que ele tinha uma irmã, Carny jurou para si mesmo que um dia a encontraria. Tia Betty lhe dissera que a irmã era gêmea dele; portanto, por onde quer que andasse, procurava sempre alguém que se parecesse muito com ele. Muitas vezes, pensava se ela não estaria morando em Auburn. Por isso mesmo fora ainda maior o seu desgosto, quando os seus avós o levaram para Elwood. Acreditava que talvez estivesse deixando sua irmãzinha para trás.

Certa vez, já maior, tentou encontrá-la em Erie, Pensilvânia; por al-

guma razão, sua tia Betty calculava que era lá que vivia a família que a adotara. Noutra ocasião, a tia Betty contou que ouvira dizer que sua irmã se tornara aeromoça e que morava em Nova York. Terminada a guerra, Carny foi até lá também. Claro que nada descobriu, porque nem sequer sabia o nome dela, e agora, depois de tantos anos, desistira da idéia de encontrá-la.

Deu uma olhada no relógio da cozinha. Tinha estado ali meditando por mais de três horas. Ouviu Beulah mover-se no quarto e, poucos momentos depois, ela assomou à porta. «Puxa, Bob! Você não vai voltar mais para a cama?»

Ele abanou a cabeça. «Estive aqui sentado, pensando. Vá você, Beulah. Quero pensar mais um pouco.»

Pedido de perdão

A AUTO-ESTRADA de Fort Wayne para Auburn atravessa uma paisagem rural típica de Indiana: gado leiteiro pastando nos campos, carroças arrastando-se ao longo da estrada. Enquadrando a cena, perdendo-se de vista no horizonte, estendem-se suaves tapetes verdes sob um céu azul-cobalto.

Leva-se uma hora para chegar a Auburn, com suas ruas arborizadas, suas filas de casas brancas. Tive que perguntar muito, antes de encontrar alguém que conhecesse Edith Neukom. Por fim, localizei sua casa, um chalé simples, rodeado de pinheiros e bordos. Seu nome estava escrito na caixa do correio.

Desliguei o motor do carro e, por um momento, fiquei sentado, sem me mexer. O ar era quente e abafado. As costas da minha camisa estavam molhadas de suor. Meu coração batia como doido, e eu tinha a garganta seca.

Enquanto percorria a pequena distância até a porta de entrada, a coragem subitamente me faltou. Que é que ia dizer à mulher daquela casa sobre uma filha que ela nunca tinha conhecido? Iria eu contar-lhe que Jody, por sua vez, era agora mãe, e que, precisamente naquele momento, estava ameaçada de morrer, mas que, antes de sucumbir, queria as respostas a algumas perguntas? Iria dizer-lhe que queria saber por que tinha sido entregue a outros, quem e como era sua mãe e, por favor, se teria ela alguma vez lamentado o abandono de sua filha?

Parei na varanda da entrada. A porta estava aberta. Olhando através da tela, vi a mulher, sentada num sofá, costurando, com um garoto a seu lado. Veio até a porta. Era uma mulher baixa, mais baixa do que Jody; seus olhos eram azuis, não castanhos, e o cabelo ruivo, não escuro como o de Jody.

«Sra. Neukom?» (Eu tinha ensaiado uma saída, no caso de não a encontrar sozinha.) «Estou procurando Edith Carnahan. Ela foi colega de minha mãe, na escola.»

A mulher sorriu. «É verdade, esse era o meu nome de solteira. Como se chamava sua mãe?»

«Elena Bates.»

Refletiu por um momento. «Hum, parece que não me lembro de ninguém com esse nome.»

Tudo parecia tão irreal. Era como se a pequena varanda fosse um palco e eu estivesse na platéia, na expectativa de alguma cena dramática.

Convidou-me a entrar e me apresentou o garoto. «Este é meu neto», disse com orgulho. Indicou-me o sofá e foi até um armário, de lá tirando vários álbuns de fotografias. Sentada a meu lado, começou a passar as páginas.

«Você me diz, quando vir o retrato de sua mãe», pediu. Eu olhava, fascinado, enquanto ela ia folheando os álbuns, apontando para fotografias suas quando jovem. Parou diante da foto de um grupo de colegiais e perguntou: «Será que você adivinha qual delas sou eu?» Foi fácil. A semelhança com Jody era marcante.

Ofereceu-me uma xícara de café, mas recusei. Decidi que voltaria mais tarde, depois que seu neto tivesse ido embora. Aleguei que ia ao hotel buscar um álbum que queria lhe mostrar. «Volto dentro de uma hora mais ou menos», disse-lhe, e ela fechou a porta.

Voltei daí a duas horas. Ofereceu-me café outra vez e, novamente, nos sentamos no sofá. «Agora, vamos ver as fotografias que você trouxe», disse ela.

«Sra. Neukom», comecei lentamente. «Estou aqui por outro motivo que nada tem a ver com fotografias.» Entreguei-lhe a cópia da

certidão de nascimento, corrigida, de Jody. Ela olhou o documento com curiosidade.

«Sra. Neukom, isto não significa nada para a senhora?» perguntei delicadamente.

Ela fez que não com a cabeça.

«A data não lhe diz qualquer coisa...»

«Não, não sei a que você se refere.»

Devolveu-me a certidão. Sua mão estava trêmula. Eu já não tinha dúvidas. Aquela era a mãe de Jody, mas a Sra. Neukom permanecia muda.

Finalmente, contei-lhe que minha mulher tinha sido adotada, que sua verdadeira mãe era de Auburn e se chamava Edith Carnahan.

A Sra. Neukom encarou-me. «Não, não é possível», afirmou. «Deve ser outra pessoa com o mesmo nome.»

«Sra. Neukom», prossegui, «minha mulher está gravemente enferma... quase morrendo. É importante que os médicos conheçam pormenores sobre sua verdadeira família. Preciso de sua ajuda, e minha mulher também. Necessitamos saber seus antecedentes clínicos.»

Ela ficou olhando para o chão durante muito tempo. Quando falou, foi como quem sai de um longo transe, como alguém que se liberta de um pesadelo de 47 anos. Sim, era Edith Carnahan e tinha dado sua filha para ser adotada. Sem interrupções, iria contar-me até o fim sua história patética, como alguém que lava a alma e pede perdão.

«Para a minha filha»

«EU NÃO queria dá-la a ninguém», soluçava a mulher. «É a pura verdade. Nós éramos pobres, e meus pais me obrigaram a fazê-lo. Não cheguei a vê-la. Levaram o bebê tão depressa, essa gente que a adotou.» Levantou os olhos do chão e fixou-me. «Quero que você saiba disto. Eu queria ficar com ela, juro por Deus. Nunca deixei de rezar por ela. Chorei todas as lágrimas que tinha.»

Na sala, reinava um silêncio total. O inteiro significado da minha busca parecia estar naquele breve momento.

A Sra. Neukom, porém, não havia terminado. Confiou-me que Jody tinha um irmão gêmeo. Seu nome era Robert Carnahan; os pais dela o haviam criado.

«Eles deram a minha filhinha», continuou ela, «e afastaram Robert de mim; disseram-lhe que eu não o amava. Casei com um homem chamado Reno Neukom. Tivemos dois filhos, mas eu raramente conseguia ver Robert. Oh, o pobre garoto teve uma infância terrível! Depois, foi para a guerra e voltou ferido; esteve aqui por pouco tempo e, em seguida, partiu outra vez. Nem sei por onde anda.»

Olhava para mim, com a tragédia refletida em seus olhos. «Há 17 anos que ele se foi, e eu nunca mais soube dele.»

Reno Neukom faleceu e ela ficou viúva. Perguntei-lhe se o pai de Jody ainda estava vivo. Não, tinha

morrido de um colapso há três anos. Percebi que ela não queria falar nele, que se sentia feliz e aliviada por ele ter desaparecido. Mais tarde, vim a saber que ele a tinha violentado.

Consultei o relógio. Eram cinco da tarde. Perguntei-lhe sobre sua ficha médica. Ela tinha tido um ataque um ano antes; toda a vida sofrera de tonturas e, ultimamente, de uma estranha insensibilidade, exatamente como Jody. Cuidadosamente, tomei nota de suas receitas e do nome do médico. Depois, guardei o caderninho de notas; precisava ir embora. Antes de partir, porém, pedi-lhe uma fotografia. «Isso agradaria a Jody», esclareci. Ela procurou alguma que fosse recente, mas não achou. Então, fui rapidamente até o centro da cidade e comprei uma câmara barata e filme; no caminho, parei numa florista e comprei também um vaso de flores. Depois de lhe tirar o retrato, inclinei-me e beijei-a na testa. Ela me olhou com os olhos rasos de lágrimas e pôs-me algo entre as mãos.

«Isto foi feito por mim», disse-me, «e gostaria que você levasse para ela, sim?» Apertou-me as mãos. Já no carro, quis ver o que me tinha entregue. Era um paninho de crochê – um simples pano de crochê.

«Para a minha filha», dissera ela.

DE VOLTA ao hotel, telefonei para o hospital e contei tudo a Jody.

«Ela quis saber coisas a meu respeito?» perguntou-me Jody.

«Disse que não queria livrar-se de você. Foram os pais dela que a obrigaram.»

Jody soluçava. «Oh, Jerry! Minha mãe...»

«Eu volto logo. Descanse, querida. Amanhã estou aí.»

Decorridos alguns momentos, chamei o Dr. Marxer e falei-lhe sobre a Sra. Neukom.

Ele achou que a notícia era excelente, pois, embora os pais de Jody tivessem sofrido ataques e, mesmo tendo o pai morrido de um, aparentemente havia tendência para a longevidade em ambos – nenhum caso de morte prematura causada por doença vascular. Jody tinha uma chance; se agüentasse a operação, talvez pudesse, com medicação apropriada, viver ainda por muito tempo uma existência relativamente normal.

«É uma grande coisa o fato de termos em mãos a sua história médica; podemos usá-la certamente com proveito», afirmou o doutor, «mas o mais importante foi você lhe ter dado desejo de viver, e isto agora é o que realmente conta.»

Um garoto solitário

ROBERT Carnahan não se lembra de jamais ter ouvido a palavra *amor* pronunciada em casa de seus avós, nem uma vez sequer. Quando não estava na escola, passava o tempo todo no campo, colhendo trigo, plantando tomates – desde os sete anos de idade. Todo o dinheiro que conseguia ganhar ia para os avós.

Em determinado verão, entretanto, sua avó lhe prometeu, se ele trabalhasse ainda mais, comprar-lhe uma bicicleta. Imediatamente lhe veio a idéia de fugir nela, para ir visitar a mãe. Levou semanas planejando a viagem. De noite, quando os avós pensavam que ele estava dormindo, tirava o mapa que escondera debaixo do colchão e punha-se a estudar o caminho para Auburn.

Trabalhou que nem louco, dez horas por dia, mesmo aos domingos, durante toda a temporada. Umas vezes, de tão cansado, ia para a cama sem se despir; outras, embora morto de fadiga, ficava acordado pensando na bicicleta e na fuga para Auburn. Em setembro, tinha conseguido ganhar mais de 250 dólares, e sua avó lhe deu a bicicleta, conforme o prometido. Gastou 24 dólares nela; o resto guardou-o para pagar sua alimentação.

Ele se recorda bem da manhã da fuga. Estava escuro lá fora, não eram ainda quatro da madrugada. Escapuliu pela porta dos fundos, que rangeu ao ser aberta, deixando-o transido de medo de que os avós acordassem com o barulho. Durante segundos, nem pôde respirar; depois, montou depressa na bicicleta e saiu pedalando.

Só levou o que tinha no corpo (uns *jeans*, a camisa de zuarte de todos os dias, uns tênis esburacados no dedão), além de umas bolachas e uma maçã.

Chegou tarde a Auburn. Escondeu a bicicleta atrás da casa de sua

mãe e bateu à porta. Ela veio abrir e, por um instante, ficou parada de boca aberta; mas logo, num impulso, apertou-o contra si, beijando-o e acariciando-o repetidamente.

Ela lhe deu de comer, e ficaram conversando até depois da meia-noite. Quando a família se recolheu para dormir, Robert Carnahan estava feliz como o fora jamais.

A felicidade durou poucos dias. Vieram os avós e levaram-no de volta. Ainda que sua mãe discutisse e implorasse, conseguiram levá-lo. Tomaram-lhe a bicicleta e trançaram-na no celeiro.

Com 17 anos, fugiu novamente. Desta vez, foi pedindo carona até Auburn. Na cidade, ia cauteloso, evitando as ruas principais, para não ser visto. Receava que, se tal acontecesse, a polícia o forçasse a regressar a Elwood. Por mais de uma hora ficou escondido no campo. Finalmente enveredou por um atalho e foi direto à casa da mãe. Lá não havia ninguém, mas a porta se encontrava aberta e ele entrou. Tudo muito tranqüilo. Sua mãe estaria trabalhando, deduziu ele; e seus meios-irmãos na escola. Estendeu-se no sofá. O silêncio lhe fazia medo; nunca se sentira tão só. De repente, a dor sufocada durante todos aqueles anos veio à tona, e seus ombros começaram a sacudir, sem que ele pudesse controlá-los. Um grito saiu de dentro de seu peito, seguido de outro e de mais outro, e ele estava gritando que queria morrer. Reconheceu o que antes não quisera

admitir: que ninguém realmente o queria, absolutamente ninguém no mundo inteiro.

Levantou-se, foi até o banheiro, abriu o armário do lavatório, tirou uma gilete e cortou a garganta. Esperava que doesse, mas só sentiu uma ferroadada. O corte sangrava. Atordoado, saiu do banheiro cambaleando, passou pela sala, chegou à varanda de trás e arrastou-se pela escada até o terraço de cima. Era ali que queria morrer.

A mãe o encontrou. Acompanhara a pista de sangue que levava ao terraço.

Assim que ele se recuperou, entrou para o exército; simplesmente largou tudo que pertencia ao passado — ou, pelo menos, tentou-o.

«Minha irmã, minha irmã»

A OPERAÇÃO de Jody estava marcada para as oito horas da manhã. Com o nosso filho mais novo, Bo, cheguei ao hospital às sete. Nosso outro filho, Dick, era professor na Austrália, e Jody me tinha feito jurar que nada lhe diria acerca da doença.

Ela se encontrava sob o efeito de sedativos, quando Bo e eu a vimos. Inclina-mo-nos para beijá-la uma última vez. Seus lábios se moviam. Tentava despedir-se.

Seguimos a maca através do corredor, olhando enquanto as portas do elevador se abriam e depois se fechavam. Pronto, Jody desapareceu. Pouco antes de perdê-la de vista, porém, observei que levava

qualquer coisa nas mãos: era o pano de crochê que sua mãe havia feito para ela.

JODY resistiu à operação, e o prognóstico se anunciava bom. Levaram pontos que iam da base do crânio, através do lado direito do pescoço, até a garganta. Durante vários dias, sentiu fortes dores, mas as coisas melhoraram. Poucos dias depois, a dor foi diminuindo e ela ficando forte, o suficiente para poder sentar-se na cama. Em uma semana os médicos lhe deram alta e, já no caminho para casa, Jody começou a fazer planos para uma viagem — ansiava por conhecer uma mulher que nunca tinha visto.

Queria telefonar para a mãe imediatamente, mas eu insisti com ela que era cedo. Argumentei também que havia que considerar os sentimentos de sua mãe. Contudo, um ou dois dias depois, Jody telefonou. Quando cheguei em casa, à noite, notei logo que ela estava alterada. Passado pouco tempo, desatou a soluçar.

Sentei-me a seu lado. «Que há, meu bem?»

Seus lábios tremiam. «Ela disse que podíamos ser amigas, mas que achava... que não era boa idéia eu ir visitá-la.» A pobre olhava terrivelmente desconsolada para o chão. «Acho que não devia mesmo ter telefonado.»

Tomei-a nos braços. «Dê-lhe algum tempo», disse-lhe eu, tentando tranquilizá-la. «Ela ainda está sob o choque dos acontecimentos.»

A depressão de Jody, todavia, continuava aumentando, e os médicos se mostravam preocupados. Essa crise podia prejudicar sua recuperação; era necessário levantar-lhe o moral. Pensei que talvez fosse possível localizar seu irmão gêmeo, Robert Carnahan; estava certo que isso a ajudaria, e muito. Desta vez, iria enfrentar um obstáculo mais sério: nenhuma pista. Na procura da mãe de Jody, eu tivera uma cidade aonde ir, mas, no caso de seu irmão, não havia mais que um nome e uma idade.

Telefonei para o escritório do Serviço de Previdência Social, em Los Angeles. O funcionário me aconselhou a escrever uma carta a Robert Carnahan, que seria enviada à sede da Previdência Social, em Baltimore. Um dia, se por acaso Robert Carnahan fosse encontrado, a carta lhe seria entregue. Quem sabe, talvez ele respondesse. Algo, na voz daquele homem, me dizia que a carta levaria provavelmente muito tempo a chegar até o destinatário.

Por isso, em lugar de escrever tal carta, telefonei para Washington, ao escritório do jornal onde eu trabalhava, e falei com o correspondente Richard Reston, que tomou nota do nome e da idade de Robert Carnahan, prometendo ver o que poderia fazer.

Entrou em contato com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o Serviço de Imposto de Renda e o F.B.I. Do primeiro, obteve a informação de que Robert Carna-

han servira no Exército durante a Segunda Guerra Mundial e que tinha sido ferido em combate na Nova Guiné. Afora isso, nada mais se sabia.

Nos vários dias que se seguiram, Reston conseguiu outras informações e, embora nenhuma realmente levasse a resultados concretos, não se deu por vencido. Era segunda-feira quando lhe falei pela primeira vez no assunto, e já estávamos na sexta. Achei que devia pedir-lhe que desistisse da busca, que me parecia sem esperança. Sem quaisquer indícios, como se poderia pretender encontrar um ser humano entre 200 milhões? Ainda por cima, Reston estava ocupando nessa busca todos os seus momentos livres, e eu começava a sentir que isso era um completo abuso de minha parte.

Então, subitamente, tudo se resolveu. Na sexta-feira de manhã, quando cheguei ao jornal, a recepcionista me comunicou que havia um recado urgente para mim, enviado do escritório de Washington. Através do Serviço de Previdência Social, Reston tinha localizado o irmão de minha mulher, em Locust Grove, Oklahoma.

ROBERT Carnahan não estava, quando o funcionário da Previdência parou diante de seu trailer; sua mulher, Beulah, também tinha saído. Em consequência, o homem deixou uma nota presa à porta, pedindo a Robert que telefonasse imediatamente para o escritório local da Previdência.

Quando Carny telefonou, perguntaram-lhe se conhecia alguém que se chamasse Helene Jo Hulse.

Pensou por um momento. «Acho que não», disse finalmente.

«Bem, você tem uma irmã?» perguntou o funcionário.

Bob começou a explicar: «Tenho, sim, mas...»

O sujeito interrompeu: «Como se chama sua mãe?»

«Edith Neukom.»

«Onde é que ela mora?»

«Em Auburn, Indiana.»

«Muito bem», disse o funcionário. «Você é a pessoa que procuramos.» Então, falou-lhe sobre Jody, dizendo que ela estava doente, que a família dela desejava estabelecer contato com ele, e a seguir lhe deu o número do nosso telefone.

Carny desligou e ficou sentado, olhando no vazio. Tentou falar. «Beulah...» Aí, deu um pulo e pôs-se a berrar. «Minha irmã, Beulah! Minha irmã! Finalmente, consegui encontrar minha irmã!»

JODY cochilava, quando o telefone tocou a seu lado, na mesa de cabeceira. Atendeu e ouviu uma voz de homem que perguntava: «É Helene Jo Hulse quem fala?»

«É, sim», respondeu ela, ainda sonolenta.

«Bem, quero dizer... palavra que não sei bem como dizer-lhe isto, mas aqui fala seu irmão.»

Fez-se uma longa pausa e Jody só pôde indagar: «Quem?»

Pacientemente, o irmão explicou-lhe como tinha recebido o re-

cado para telefonar por causa de sua doença. Informou que era seu irmão gêmeo e, então, lhe disse que andava a procurá-la há mais de 35 anos.

Nesse momento, a enfermeira particular entrou no quarto, encontrando Jody quase histérica. Alarmada, perguntou: «Que aconteceu com a senhora?»

«Nada, absolutamente nada», disse Jody sorrindo abertamente e acenando para que ela se fosse embora.

De Oklahoma, Bob Carnahan perguntou: «Alô, irmã! Você está se sentindo bem?»

«Eu estou bem, sim, muito bem», foi tudo que Jody conseguiu articular – e logo começou a chorar. Carny, ouvindo-a, chorou também e, em meio a lágrimas, disseram tudo que precisavam dizer, tudo que podia ser dito a tantos quilômetros de distância que os separavam, sobre todos aqueles anos de solidão que ambos tinham vivido.

Encontro

COM permissão dos médicos, Jody voou até Oklahoma. Bob se preparava. No dia em que a irmã deveria chegar, ele lavou caprichosamente o carro, que costumava deixar estacionado ao lado de sua casa-trailer. As coisas tinham de estar muito em ordem para sua irmã. Em dado momento, parou para admirar tudo que possuía no mundo: o trailer, com uma pequena tenda em frente, e um pedaço de

terreno ao redor. Ali vivia com Beulah e a filha de ambos, Donnie, de 12 anos. Não era muito, pois não? Começou a ficar preocupado. Ficaria sua irmã decepcionada? Ela era uma senhora distinta, de Los Angeles, que vinha de avião a jato, atravessando metade do país para encontrar o quê? Aquilo? Sua cabeça começou a latejar. Tentou dar outro rumo aos pensamentos e, com a flanela, tratou de enxugar a superfície do carro; não queria que se vissem nele manchas de água.

Dentro do *trailer*, levou algum tempo dando brilho aos sapatos, colocando neles mais graxa para disfarçar as marcas do uso. Colocou até cordões novos.

Tomou banho, fez a barba e vestiu suas melhores calças e uma camisa que vinha reservando para alguma ocasião especial. Escovou os cabelos com cuidado, observando-se ao espelho. Bem, melhor já ir andando; era um bom pedaço até Tulsa, no mínimo uns 70km a 80km, e não fazia mal estar lá um pouco antes da hora.

Chegaram tão cedo ao aeroporto internacional de Tulsa que tiveram de esperar quase duas horas pelo avião. Carny ficou o tempo todo andando de um lado para outro, sentindo calafrios no estômago. Cada vez que olhava para o relógio, pensava que este tinha parado. Ele, Beulah e Donnie não perdiam de vista as pessoas que iam e vinham. Foi poucos minutos depois das três que ouviram o aviso da chegada. Repentinamente, ela estava ali,

igualzinha ao retrato que lhe mandara. Não, por Deus! Ela ainda era mais bonita do que no retrato!

Jody o viu e escancarou o sorriso mais cordial que Carny recebera na vida; os dois correram um para o outro, Jody passando os braços em torno de Carny e este apertando a irmã contra si, com as lágrimas correndo-lhes pelo rosto. Riam e choravam, sem poder parar. Todo mundo em volta os observava sorrindo.

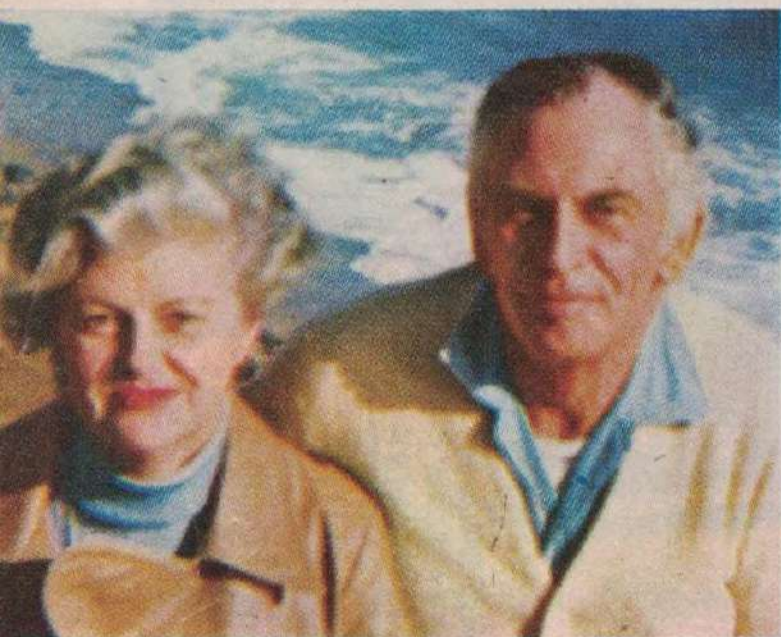
A caminho de Locust Grove, a conversa começou tateante, entremeadas de embaraçosos silêncios, mas, daí a pouco, estavam todos num bate-papo animado. Pouco antes de chegarem, Bob disse: «Mana, nós somos gente simples. Espero que você não ligue para isso.» Contou-lhe que viviam num *trailer* e que ele trabalhava num posto de gasolina. Estava ainda dando explicação quando chegaram ao destino. Desligou o motor do carro. Enquanto ajudava Jody a descer, uma espécie de procissão veio se aproximando do local: uma multidão de vizinhos espreitava por entre as árvores e arbustos e, subitamente, reuniu-se ali, cochichando com ar incrédulo. Todos tinham ouvido dizer que a irmã de Bob Carnahan estava vindo de Hollywood e, para eles, gente simples da montanha, isso só podia significar uma coisa: uma artista de cinema em carne e osso.

Bob levou Jody para o *trailer*. «É aqui que vivemos, mana. Espero que você não esteja decepcionada.»

Jody viu galinhas e patos soltos por ali e cavalos pastando no campo. Sorriu alegremente para os que a rodeavam – para Beulah e Donnie, e para seu irmão gêmeo, Bob.

«Oh, Bob», disse ela, «eu adoro isto.»

Jody sentiu-se mais à vontade e mais feliz nas semanas que ali passou do que em toda a sua vida. O



Jody e seu irmão gêmeo, Robert Carnahan

Dr. Marxer tinha razão: a mente opera milagres no corpo. Ela aprendeu a pôr a isca em anzóis, e muitas vezes iam pescar. Bob limpava os peixes. Beulah os cozinhava e Jody sentava-se para ver a lua nascer. Depois do jantar, Donnie ia buscar seu telescópio e ficavam admirando as estrelas, se bem que, para tal, bastasse apenas olhar para elas, pois, naquelas bandas de Oklahoma, elas estavam bem próximas e brilhavam intensamente no céu, em tempo de verão. Mais tarde, comiam melancia e ficavam ca-

lados, ouvindo os grilos, até que a lua desaparecia e era hora de se recolherem naquele pequeno recanto, perdido na serra, chamado Locust Grove.

Alguém para amar

POUCOS dias após o regresso de Jody, veio a chamada. Quando ela respondeu, uma voz suave perguntou: «Posso falar com Jody?»

Ouvi a maneira como minha mulher disse «Aqui fala Jody», e soube logo de quem se tratava. A chamada vinha de Auburn, claro. Edith Neukom estava preparada. Jody poderia vir vê-la?

Houve muitos outros telefonemas e troca de cartas. Jody marcou a data, mas continuava cheia de dúvidas e, à medida que se aproximava o dia da viagem, sentia-se cada vez mais nervosa. Queria «ter a melhor aparência possível», explicava ela, «para minha mãe». Escolheu a roupa que deveria usar e, a todo momento, mudava de idéia.

Finalmente chegou o dia.

Levantou-se cedíssimo, de madrugada quase. Enquanto nos dirigíamos para o aeroporto, Jody admitiu: «Não consegui dormir, era impossível mesmo.»

Em Chicago, teve de esperar 45 minutos pelo voo para Fort Wayne; levou todo esse tempo preocupando-se e imaginando coisas. Como deveria dizer? *Alô, minha mãe? Alô, mamãe? Alô, Edith?* Não, jamais poderia chamar sua mãe pelo nome; soava como desrespeito. Deixaria

simplesmente que o encontro decorresse naturalmente.

Daí a pouco, estava outra vez dentro do avião e a hora seguinte durou um século. Quando desceram em Fort Wayne, pareceu a Jody que o avião não pararia nunca. Quase empurrando os outros passageiros, foi correndo até o terminal.

Lá estava ela, uma mulher pequenina, parada no meio da multidão. Seus olhos se encontraram. Um sorriso se desenhcou nos lábios dessa mulher, e ela avançou na direção de Jody. Esta deixou cair a mala e correu. Pela primeira vez na vida, estava nos braços de sua mãe, e esta murmurava sem parar: «Oh, minha querida, sinto tanto, tanto!»

Jody segurava aquela mulherzinha, abraçando-a e murmurando em resposta: «Por favor, por favor, mamãe! Não lamente mais.»

AS VIDAS de todos nós se modificaram bastante a partir desse dia: a de Jody, a de Edith Neukom, a de Bob Carnahan e mesmo a minha. Agora sei quão frágil pode ser o amor, e o modo como requer constante atenção. Não é possível recuperar os anos que se perderam, mas realmente nada nos impede de tentá-lo. Bob, que nunca tinha tido o prazer de receber uma cesta de Páscoa, teve-o no ano passado. Jody levou horas e horas colorindo ovos e enchendo a cesta com bombons de chocolate. *Absurdo!* — pensaria alguém — *um homem crescido receber a*

cesta de Páscoa que sempre desejou. Na verdade, não é bem assim. Patético, talvez, mas não absurdo.

Ele guarda todas as cartas de Jody, amarradas em maços, fechadas numa gaveta. Quando morrer, quer que as enterrem com ele.

A Sra. Neukom passa agora grande parte do tempo na varanda da frente, à espera do carteiro. Este



Jody e a mãe, Edith Neukom

está sempre trazendo uma carta que termina com «Beijos, Jody», ou levando outra que finda com «Sua mamãe que muito a quer».

Para viver, Jody precisa tomar remédios diariamente. Essa vida não lhe oferece garantias e, portanto, ela conta apenas com o dia que passa, com o momento presente. Posso ouvi-la neste momento. Está lá fora, cantarolando. O carteiro nunca mais teve de tocar a campainha de nossa porta. Jody está sempre de prontidão, à espera de uma carta daqueles que ama. ▲